

Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano.

A. M. Dias Diogo *

Resumo

O autor sumariza a sua sistematização das ânforas romanas fabricadas na Lusitânia.

Abstract

The author summarizes his classification of Lusitanian amphorae.

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 1000 LISBOA.

Quadro tipológico das indústrias de fabrico lusitano.

A. M. Diez Diego *

Resumo

O autor apresenta a sua classificação das indústrias lusitanas fabricadas no
Lusitania.

Abstract

The author presents his classification of Lusitanian manufactures.

* Instituto de Estudos Sociais e Económicos, Universidade Nova de Lisboa, Av. de
Reis, 1699-016 LISBOA.

São conhecidas quatro zonas geográficas produtoras de ânforas romanas no nosso território: os cursos inferiores dos rios Tejo e Sado, e as costas marítimas do Alentejo e do Algarve, acompanhando a distribuição da transformação do pescado ¹.

Excepto no que respeita a algumas das produções algarvias, os fabricos assemelham-se, de pastas, cronologias e formas muito próximas. Genericamente as pastas são arenosas, quartzíticas e micáceas, de textura folheada e tonalidades variando entre o alaranjado e o bege. As superfícies são ásperas, por vezes cobertas de engobe acastanhado.

Sabemos já que no curso inferior do Sado foram produzidas ânforas ibero-púnicas, de tipo Mañá A4. É possível que também tenham sido fabricadas noutras zonas, sobretudo no Algarve, não havendo ainda, no entanto, qualquer evidência. É também possível que nesta última zona se tenham fabricado ânforas de tipo Mañá C2/Dr. 18, questão que se encontra dependente das análises laboratoriais das pastas.

A transformação piscícola tem de ser encarada como uma actividade perfeitamente natural numa área de influência púnica, e permite-nos aceitar de uma forma mais pacífica a antiguidade da sua prática no Portugal Romano.

¹ Este artigo é uma simplificação de um trabalho denominado "Ensaio sobre a modulação e tipificação das ânforas de fabrico lusitano", em publicação na revista "Conimbriga", e onde, com as características de um ensaio, são justificadas a distribuição tipológica e a atribuição cronológica e devidamente citada a bibliografia utilizada. A generalidade desta bibliografia encontra-se citada em EDMONSON, J. C. — *Two industries in Roman Lusitania, Mining and Garum production*. Oxford, 1987 (BAR Internacional Series, 362).

Agradeço vivamente ao Dr. Francisco Alves, director do M.N.A.E., o ter-me facultado o estudo das colecções anfóricas do Museu que dirige, sem as quais este trabalho não me teria sido possível; agradecimentos extensivos aos Drs. Luis de Matos, João C. L. Faria, F. Reiner, António N. Monteiro e Clementino Amaro.

O início da transformação do pescado em território português, tem sido datado da segunda metade do século I, acompanhando a introdução das ânforas de tipo Dr. 14. No entanto, para além de ser necessário fazer recuar a data do início da produção da Dr. 14 lusitana para a 1.^a metade do século I, conhecemos já outras ânforas mais antigas.

Em trabalhos que efectuámos de colaboração com João Carlos L. Faria, periodizámos a produção anfórica sadina em duas fases distintas. A primeira terá atingido um índice significativo de produção nos finais do século I a.C., e durado até meados do século II. Nesta altura ter-se-á iniciado a 2.^a fase, caracterizada pelas alterações das formas das ânforas, modificações nos centros transformadores e no processo de comercialização. Excepto no que respeita a algumas produções algarvias, possivelmente ligadas a *uillae*, não há indícios de terem sido empregues marcas estampadas de oleiro, nas ânforas desta última fase, o que poderá corresponder a uma produção mais anónima, ligada a sociedades produtoras. Pelo contrário, essas marcas são relativamente comuns na 1.^a fase sadina e, as marcas encontradas nos mesmos centros oleiros apontam para uma estrutura familiar de produção, com a aparente manutenção dos gentílicos.

Pertencem à primeira fase, os tipos que designámos por LUSITANA 1, 2 e 12.

A L.1 deverá corresponder ao tipo romano mais antigo fabricado no Sado, trata-se de uma forma híbrida, de bocas e asas influenciadas por protótipos púnicos e fundo muito semelhante ao da L.2, já com marca do controlo do fabrico esgrafitada no bico fundeiro. Este é troncocónico, terminando em glande ainda pouco pronunciada e muito oco. Tem uma boca muito larga, c. 19 cm, o lábio é extrovertido em aba. As asas são pequenas, em forma de "V", implantadas sobre os ombros, em fita, bilobadas na face superior por uma canelura longitudinal. O colo é muito curto ou mesmo inexistente. Tem uma altura média de c. 70 cm. A relação entre a altura total e o diâmetro máximo do bojo é de $2,3 \times$. O seu fabrico está apenas atestado para o Sado. Pela forma deverá corresponder a um contentor para produtos piscícolas e ser datada do século I a.C.

A L.2 corresponde ao tipo Dr. 14/Beltrán IV b, tem uma altura média de c. 100 cm. A relação entre a altura total e o diâmetro máximo do bojo é de $3,4 \times$. Trata-se de uma ânfora para produtos piscícolas, datável da 1.^a metade do século I a meados do século II. Com variantes regionais, o seu fabrico está atestado para todas as zonas produtoras.

A L.12 corresponde ao fabrico lusitano da Dr. 7-11/Beltrán I. Trata-se de um tipo que apresenta grande variedade de perfis de bordos, sempre em fita saliente. A altura do exemplar completo que estudei é de 69 cm. A relação entre a altura total e o diâmetro máximo do bojo é de $2,6 \times$. Aparece ter sido fabricada durante um período muito curto, iniciando-se a sua produção nos finais do século I a.C. É uma ânfora piscícola, apenas já atestada para o Sado.

Com a 2.^a fase de produção, assistimos à proliferação dos tipos: LUSITANA 4, L.5, L.6, L.7, L.8, L.9 e L.10.

A L.4 corresponde à Almagro 51 c. Tem cerca de 73 cm de altura média, a relação entre a altura total e o diâmetro máximo do bojo é de $2,3 \times$. Foi fabricada nas quatro zonas produtoras. Não há evidência para os produtos que terá transportado, mas a quantidade de fabrico só é explicável se tiver substituído a L.2 para envase piscícola. Deverá corresponder ao tipo mais antigo da 2.^a fase, com início de produção a partir de meados do século II.

A L.5 assemelha-se à Almagro 50. Trata-se de um tipo de grande envergadura, atingindo os 90 cm de altura e 34 cm de diâmetro máximo do bojo (relação de $2,6 \times$). A boca é larga, de lábio espessado e emoldurado. O colo é muito curto e direito. As asas são curtas, de rolo, arrancam horizontalmente do lábio, e descem em ângulo para os ombros, atingindo a amplitude do bojo. Este é largo, a tender para o piriforme. O bico fundeiro é tronco-cónico, curto e oco. Trata-se de uma ânfora para produtos piscícolas. A sua produção aparenta ter-se iniciado nos finais do século II. Está atestada para o Sado e para a costa algarvia. Nesta última zona foi produzida numa pasta bem diferenciada, que abaixo caracterizarei.

A L.6 atinge uma altura média de 88 cm. Tem uma boca larga, com c. de 14,5 cm de diâmetro. O lábio é extrovertido, espessado e triangular, por vezes pendente. A secção das asas varia entre a fila e o rolo, são pendentes, atingindo pequena envergadura, arrancam do lábio envolvendo o colo e ligam-se aos ombros. O colo é muito curto, extrovertido e bem diferenciado. Os ombros são descaídos. O bojo é em forma de charuto, afunilando para o bico fundeiro. Este é tronco-cónico, oco e curto, terminando em glândula saliente. A relação entre a altura total e o diâmetro do bojo é $3,5 \times$. É um contentor piscícola. Provavelmente, a sua produção iniciou-se em meados do século II. O fabrico está atestado para o Sado e costa algarvia.

A L.7 corresponde ao tipo Almagro 51 a-b, tem uma relação entre a altura e o diâmetro do bojo de $3,5 \times$. É um contentor piscícola, possivelmente datável dos séculos III ao V. Está atestada para fornos do Sado e do Algarve.

A L.8 corresponde ao tipo Keay LXXVIII. Tem uma altura média de c. de 86 cm. A boca é larga, com diâmetro médio de c. de 16 cm. O lábio é ligeiramente extrovertido, geralmente espessado e almendrado. As asas são muito curtas, em fita e de forma semicircular, arrancando do lábio, envolvendo o colo e ligando-se aos ombros. O colo é muito curto e pouco diferenciado. Os ombros são descaídos. O bojo é de forma cilíndrica, afunilando para o bico fundeiro. Este é muito característico, bilobado e maciço, com c. de 5 cm de altura média. A relação entre a altura total e o diâmetro máximo do bojo é de $2,6 \times$. O seu fabrico apenas está atestado para fornos do Sado. Pela forma deverá ser uma ânfora piscícola. A sua cronologia situa-se entre o século IV e meados do V, podendo recuar até ao século III.

A L.9 é uma ânfora barrilóide, de boca e fundo muito largos. Não conhecemos qualquer exemplar completo, possuímos no entanto, muitas bocas e fundos recolhidos nas entulheiras dos fornos, e um exemplar quase completo, conservando o fundo e o bojo até ao nascer do lábio, proveniente

de Tróia. A boca é muito larga e de lábio em aba. As asas são de fita, levemente arqueadas e arrancando do lábio. O fundo é largo, baixo e em anel. O colo é inexistente. O exemplar mais bem conservado deveria ter c. de 58 cm de altura, com 23,5 cm de diâmetro máximo do bojo e c. 10 cm de diâmetro do fundo. O fabrico encontra-se atestado para fornos do Tejo e do Sado. Pela forma deverá ser uma ânfora piscícola. Cronologia semelhante à L.8.

A L.10 é uma ânfora de pequena envergadura, com c. de 55 cm de altura média. O diâmetro médio da boca é de 8,5 cm. A relação entre a altura total e o diâmetro máximo do bojo é de $2,6 \times$. A boca é pequena, o lábio é em fita, saliente e moldurado. As asas são de fita, arqueadas ou pendentes, arrancando do lábio e ligando-se ao bojo. Este tende para o fusiforme. O pé é em bolacha. Desconhecemos o tipo de produto transportado por esta ânfora. A sua cronologia deverá estar próxima das da L.6 e L.8. O fabrico ainda está apenas atestado para os fornos do Sado.

A L.11, tal como a variante b da L.5, é de produção algarvia, possivelmente originárias da região de Loulé. O seu fabrico é muito diferente das produções lusitanas mais características. Têm uma pasta muito fina e branda, de tonalidades bege-amareladas e rosadas, com pequenos quartzos, calcites e minúsculas micas.

A L.11 assemelha-se à Beltrán II b. Trata-se de uma ânfora alta, atingindo os 100 cm. A boca é larga. O colo é também largo, ligeiramente extrovertido e pouco diferenciado. O bojo é piriforme. O bico fundeiro é troncocónico, oco e muito alto. A relação entre a altura total e o diâmetro máximo do bojo é de $3,3 \times$. São basicamente três as variantes de bordo: em fita curta espessada e pendente, em aba espessada, e em aba pendente e moldurada. Aos dois primeiros tipos de bordo corresponde uma asa de rolo, com arranque no lábio e atingindo grande amplitude. No último tipo, a asa é em fita espessada, pendente e arranca da sobeira do bordo. É uma ânfora para produtos piscícolas, genericamente datável dos inícios do século I a meados do século II.

Também fabricada na pasta algarvia atrás descrita, é a ânfora denominada Beltrán 72. De forma muito semelhante à da LUSITANA 11, distingue-se desta por ser mais pequena, cerca de 50 cm de altura, com relação altura/largura máxima do bojo de $2,2 \times$. A semelhança formal torna difícil a atribuição tipológica de fragmentos de boca. Trata-se de um contentor piscícola, tradicionalmente datado dos séculos IV e V.

A ânfora LUSITANA 3 foge à periodização e características gerais das produções sadinas. Trata-se de um tipo semelhante à Gaulesa 4, de pequena envergadura, com uma altura média de 50 cm. O lábio é de fita. As asas são semicirculares e arrancam do colo. Os ombros são largos. A base é em anel. A relação entre a altura e o diâmetro máximo do bojo é de $1,6 \times$. Dada a filiação formal, pensamos estar em presença de um contentor vinícola ou oleícola, ou mesmo para ambos os produtos. O seu fabrico deve ter-se iniciado nos princípios do século II. Está atestada para fornos do Sado e do Tejo.

Também fabricada no Sado foi uma ânfora do tipo da Dr. 28, que ainda não consegui caracterizar, mas que parece aparentar-se com a L.3.

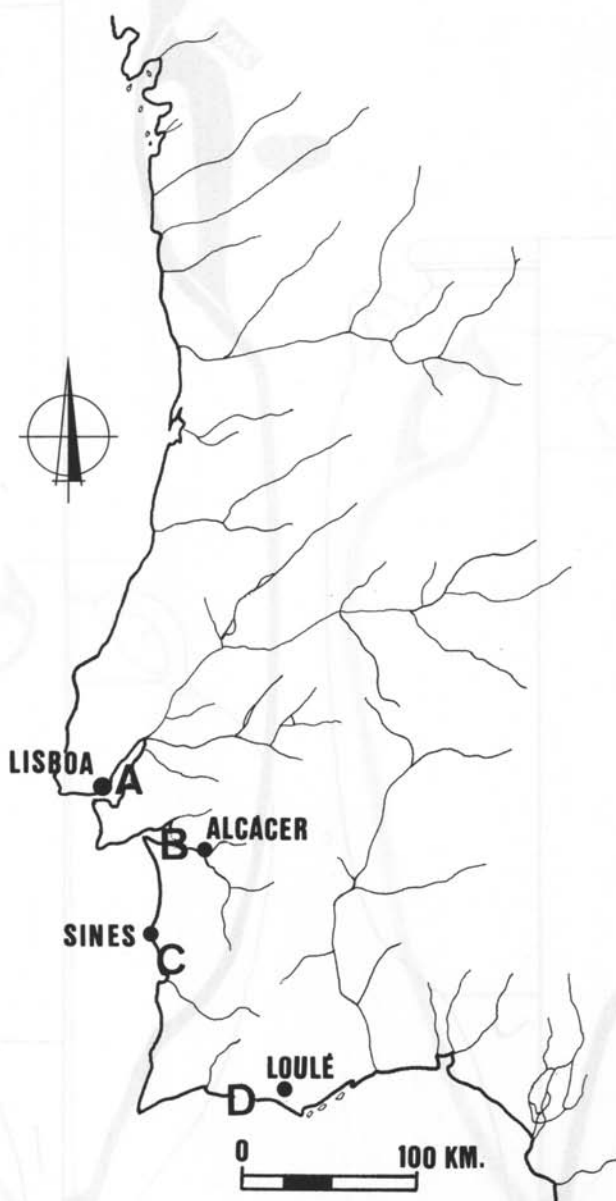


Fig. 1 — Zonas produtoras de ânforas da Lusitânia: A - Vale do Tejo, B - Vale do Sado, C - Costa alentejana, D - Costa algarvia.

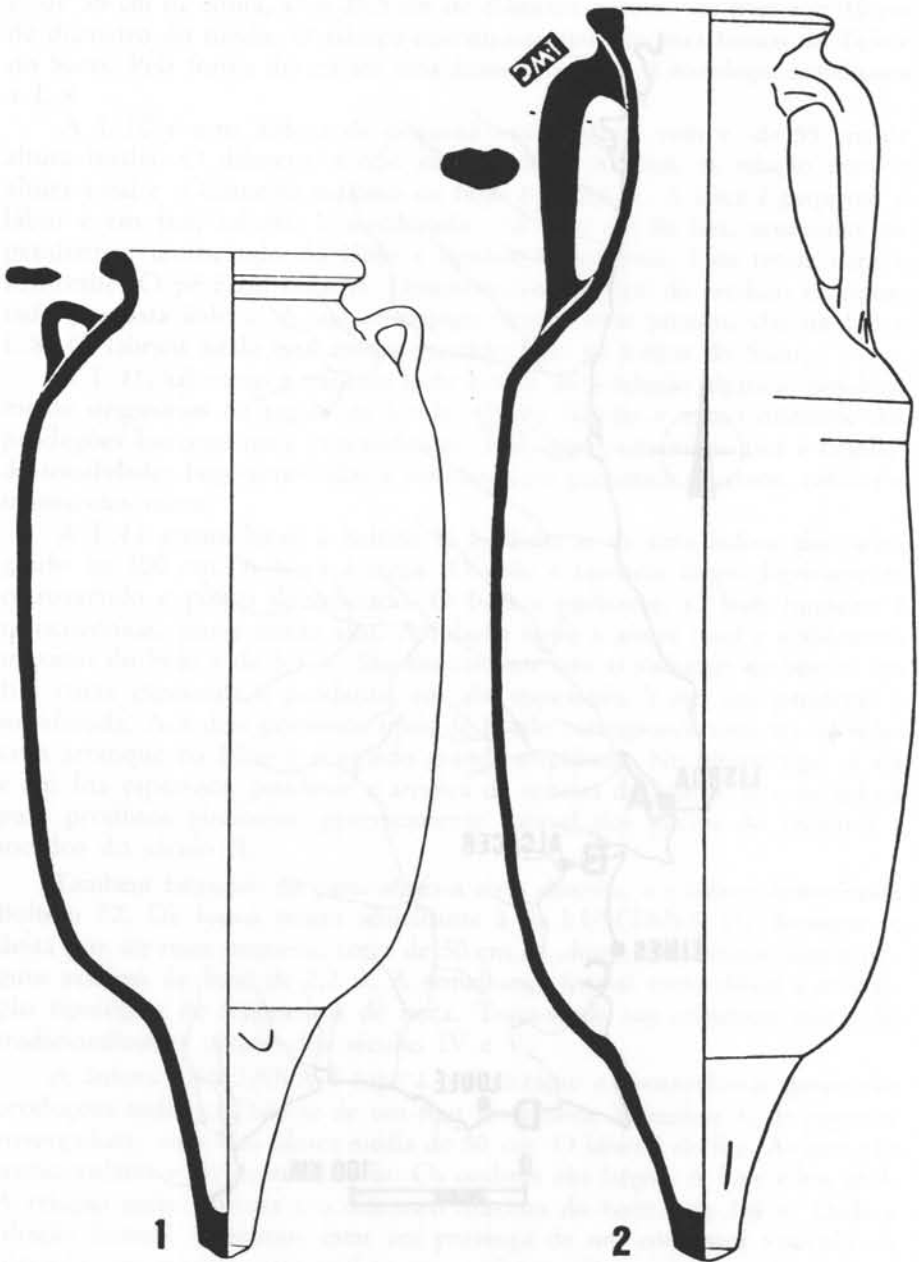


Fig. 2 — Quadro das ânforas lusitanas. L.1 e L.2

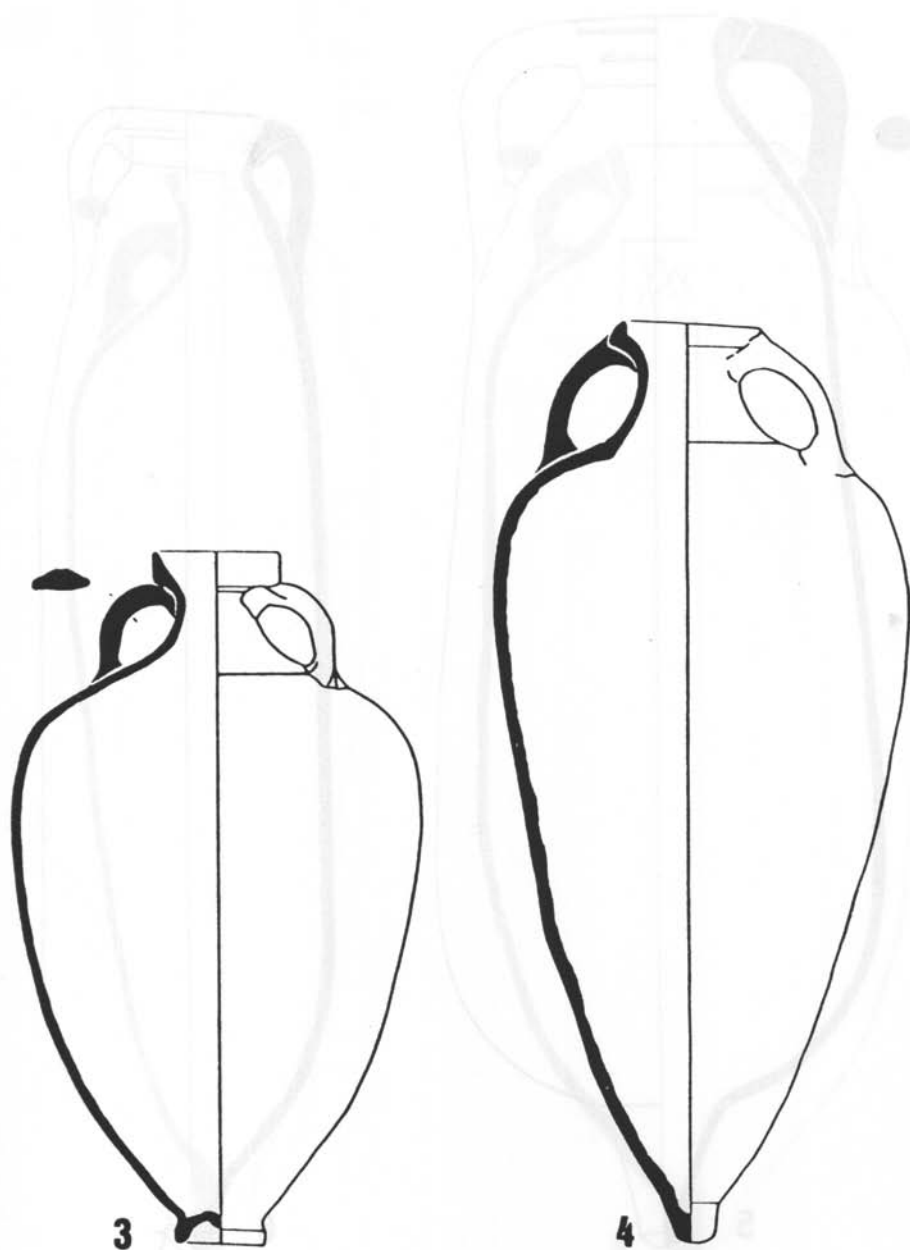


Fig. 3 — Quadro das ânforas lusitanas. L.3 e L.4

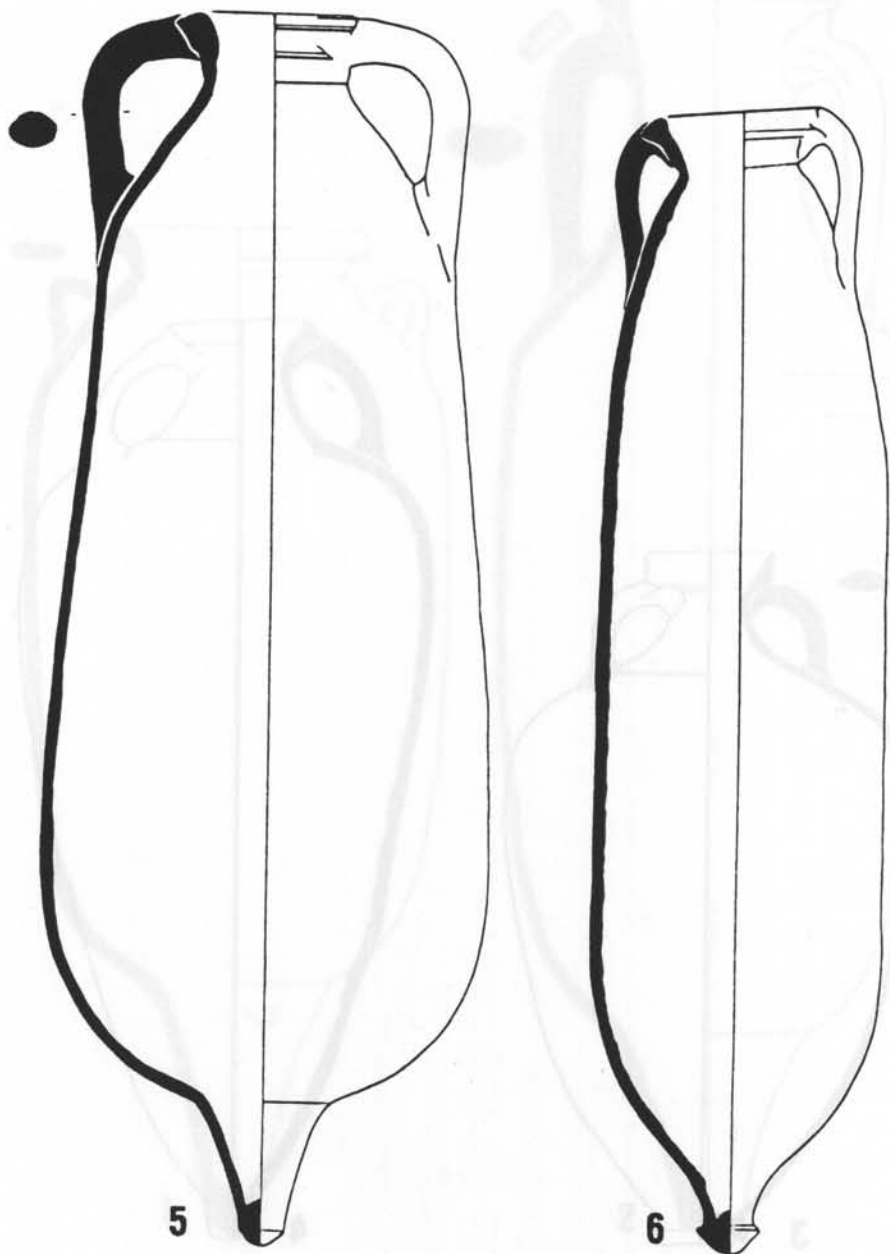


Fig. 4 — Quadro das ânforas lusitanas. L.5 e L.6

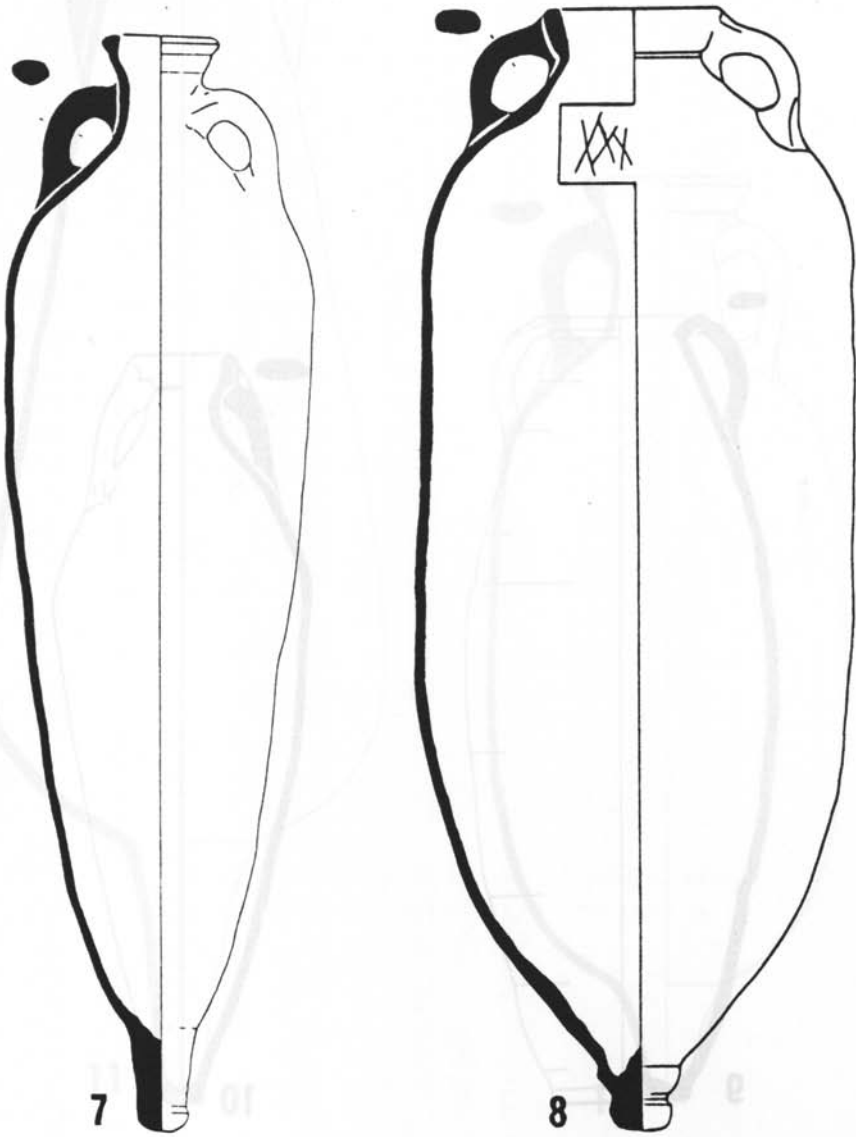


Fig. 5 — Quadro das ânforas lusitanas. L.7 e L.8

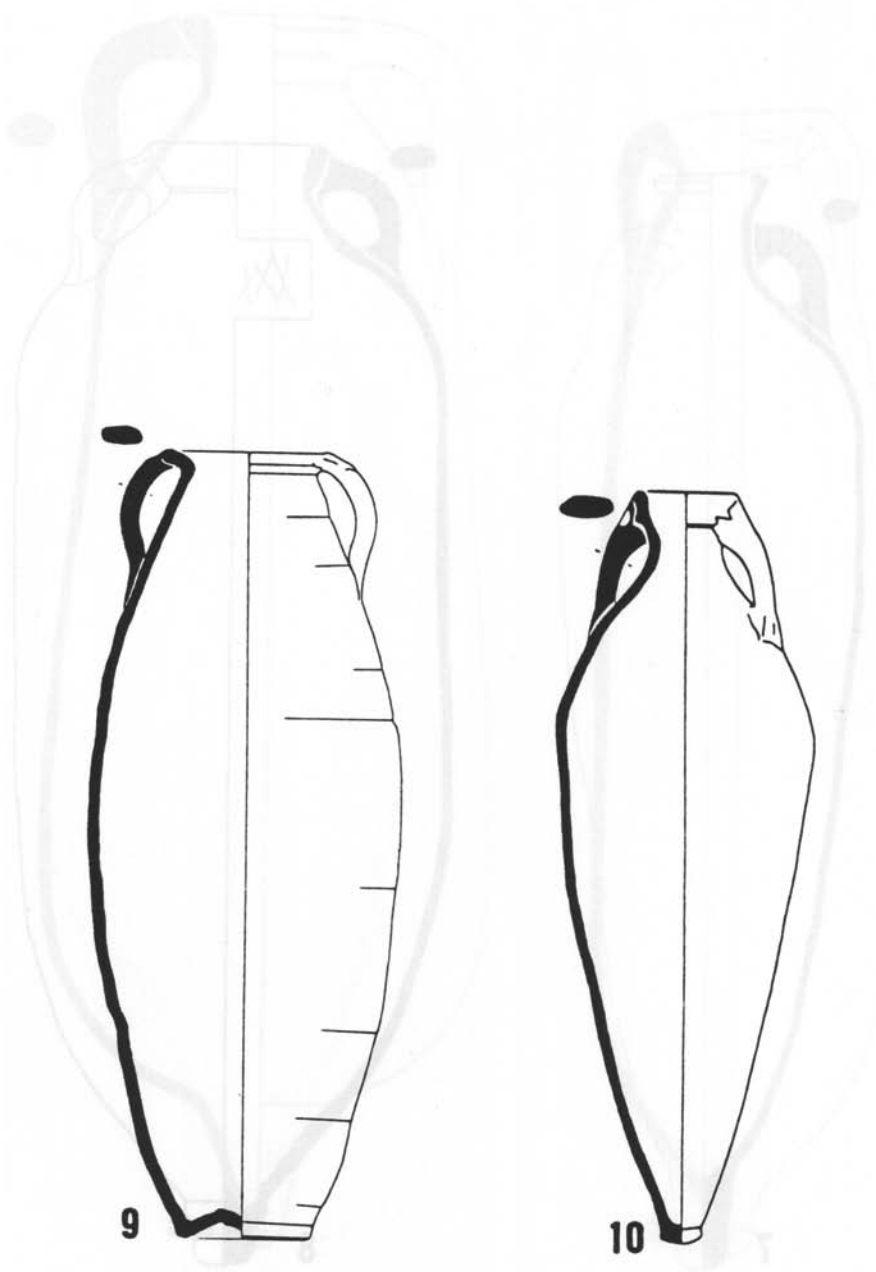


Fig. 6 — Quadro das ânforas lusitanas. L.9 e L.10

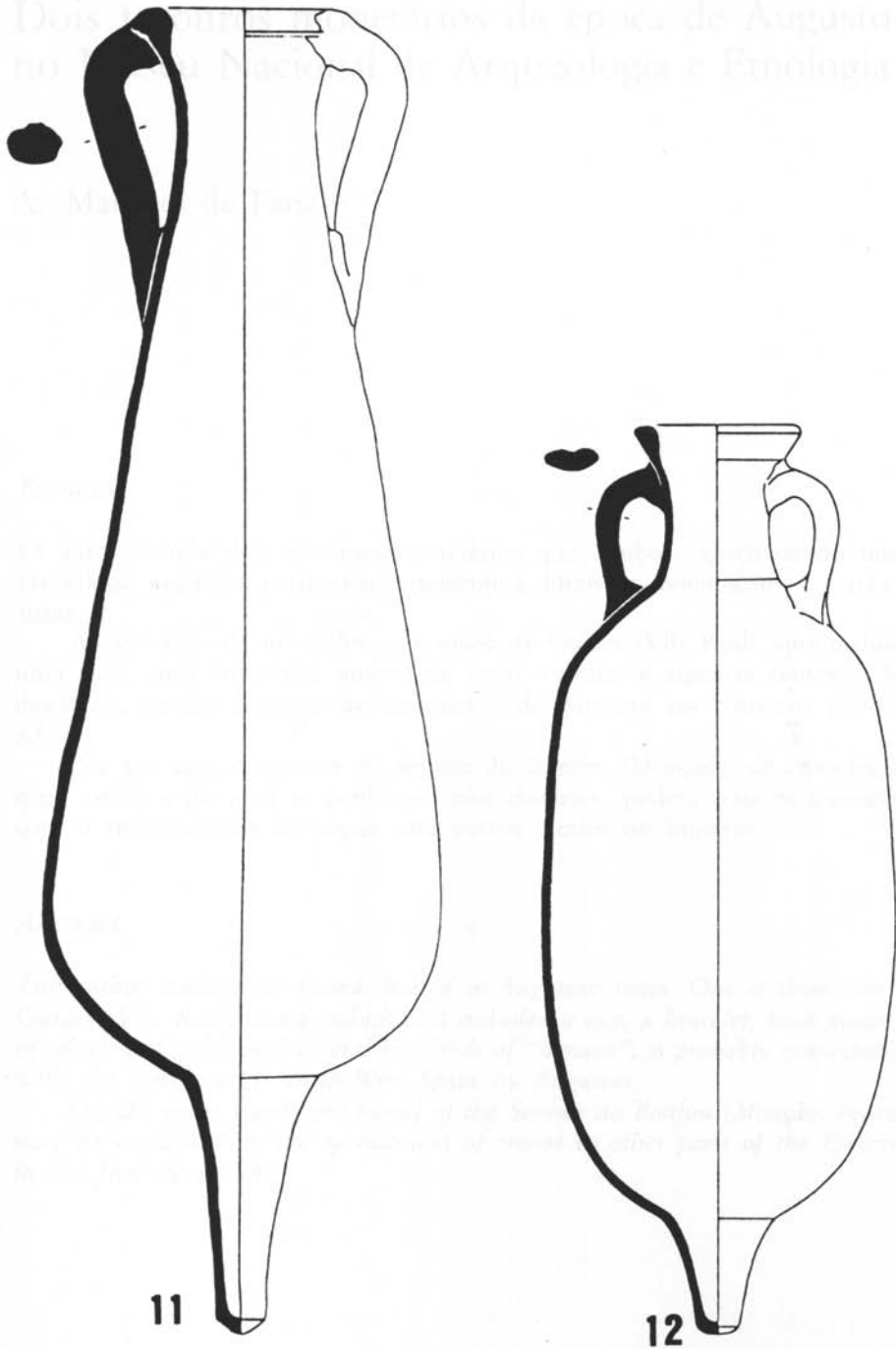


Fig. 7 — Quadro das ânforas lusitanas. L.11 e L.12

